



Farol do Norte: o talento de Lúcia Chedieck e seu pioneirismo feminino em iluminação, de Belém-PA para o mundo

Entrevista com Lúcia Chedieck
concedida a Camila Barbosa Tiago
e Natasha Kerolen Leite da Silva

Para citar este artigo:

CHEDIECK, Lúcia. Farol do Norte: o talento de Lúcia Chedieck e seu pioneirismo feminino em iluminação, de Belém-PA para o mundo. Entrevista com Lúcia Chedieck concedida a Camila Barbosa Tiago e Natasha Kerolen Leite da Silva. *A Luz em Cena*, Florianópolis, v.2, n.2, dez. 2021.

 DOI: <http://dx.doi.org/10.5965/27644669020220210801>



Farol do Norte: o talento de Lúcia Chedieck e seu pioneirismo feminino em iluminação, de Belém-PA para o mundo¹

Entrevista com Lúcia Chedieck
concedida a Camila Barbosa Tiago²
e Natasha Kerolen Leite da Silva.³

Resumo

Lúcia Chedieck, natural de Belém - Pará, é a cenógrafa e light designer que abriu caminhos para outras mulheres investirem na carreira técnica nessa região. Em entrevista para A LUZ EM CENA, ela expõe algumas experiências e relata seus enfrentamentos diante das adversidades - ainda comuns nos dias de hoje - do mercado de trabalho para a mulher no setor técnico cultural. A artista discorre também sobre a necessidade de diálogos de formação profissionalizante e a necessidade de vivências para realização de trabalhos em iluminação cênica. Da primeira geração de iluminadoras nortistas, compartilha conosco suas vivências e produções com cenografia e iluminação em arquitetura, artes cênicas e artes plásticas.

Palavras-chave: Iluminação cênica. Lúcia Chedieck. Iluminadora nortista. Diálogos de Iluminação.

¹ Entrevista concedida por Lúcia Chedieck, Light Designer e Cenógrafa brasileira, em 08/12/2021 com finalidade de publicação do relato na revista A LUZ EM CENA v.2 n.2. Coordenação da entrevista e registro em vídeo do UNILUZ – Núcleo Pesquisa-Ação. Transcrição e submissão para publicação feita por Camila Barbosa Tiago e Natasha Kerolen Leite da Silva.

² Integrante do UNILUZ -Núcleo Pesquisa-Ação. Equipe composta também por Ivo Godois e Natasha Kerolen Leite da Silva, que organizam proposições de pesquisas e entrevistas em iluminação. Mestre em Artes Cênicas pelo Programa de Pós-graduação em Artes Cênicas da Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN (2017). Especialista em Iluminação e Design de Interiores pelo Instituto de Pós-graduação - IPOG (2015). Graduada em Teatro (licenciatura) pela Universidade Federal de Uberlândia - UFU (2010). De 2010 até hoje ocupa o cargo de Diretora de Iluminação do curso de Teatro do Instituto de Artes da UFU. Coordenadora do canal “da ideia à luz” no YouTube.

✉ camilabtiago@gmail.com | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/4455456771572675> |  <http://orcid.org/0000-0003-0596-6958>

³ Integrante do UNILUZ -Núcleo Pesquisa-Ação. Equipe composta também por Camila Barbosa Tiago e Ivo Godois, que organizam proposições de pesquisas e entrevistas em iluminação. Mestre em Artes pela Universidade Federal do Pará - UFPA (2016). Graduada na primeira turma de Licenciatura em Dança da UFPA (2011) e em Design de Interiores da IFPA (2007). Artista-iluminadora-pesquisadora, Técnica de Iluminação do Teatro Universitário Cláudio Barradas, Coordenadora do Laboratório CENOLUX / TUCB da UFPA e editora da Revista A Luz em Cena.

✉ natashakleite@gmail.com | 🌐 <http://lattes.cnpq.br/7037911530809700> |  <https://orcid.org/0000-0002-6669-3423>



Northern Lighthouse: Lúcia Chedieck's talent and her pioneering female role in lighting, from Belém-PA to the world

Abstract

Lúcia Chedieck was born in Belém - Pará. She is a set designer and light designer who opened paths for other women to invest in technical careers in this region. In an interview with A LUZ EM CENA, she exposes some experiences and reports her struggles in the face of adversities in the labor market for women in the technical and cultural sector, which are still common today. She also discusses the need for dialogues for professional training and the need for experiences to carry out work in scenic lighting. From the first generation of northern lighting designers, she shares with us her experiences and productions with scenography and lighting in architecture, performing arts and visual arts.

Keywords: Scenic lighting. Lucia Chedieck. Northern illuminator. Light dialogues.

Faro del Norte: el talento de Lúcia Chedieck como mujer pionera en iluminación, de Belém-PA al mundo

Resumen

Lúcia Chedieck nació en Belém - Pará, escenógrafa y diseñadora de luces que abrió caminos para que otras mujeres invirtieran en carreras técnicas en esta región. En entrevista con A LUZ EM CENA, expone algunas experiencias y relata sus luchas ante las adversidades en el mercado laboral de las mujeres en el sector técnico y cultural, que aún son comunes en la actualidad, también discute la necesidad de diálogos para profesionales. la formación y la necesidad de experiencias para realizar trabajos en iluminación escénica. Desde la primera generación de diseñadores de iluminación del norte, comparte con nosotros sus experiencias y producciones con escenografía e iluminación en arquitectura, artes escénicas y artes plásticas.

Palabras clave: Iluminación escénica. Lucia Chedieck. Iluminador norte. Diálogos de iluminación.



**Farol do Norte: o talento de Lúcia Chedieck
e seu pioneirismo feminino em iluminação, de Belém-PA para o mundo**
Entrevista com Lúcia Chedieck concedida a Camila Barbosa Tiago e Natasha Kerolen Leite da Silva

Figura 1 - Lúcia Chedieck



Fonte: acervo pessoal de Lúcia Chedieck



Camila Tiago - Hoje é dia 08 de dezembro de 2021 e nossa entrevistada para o segundo número da revista "A Luz em Cena" é Lúcia Chedieck. Somos (eu - Camila Tiago -, Ivo Godois e Natasha K. Leite) o grupo UNILUZ - Núcleo Pesquisa-Ação, que organiza proposições de pesquisas e entrevistas em iluminação cênica. Agradecemos imensamente sua disponibilidade.

Natasha K. Leite - Lúcia, muito obrigada pela disponibilidade. É uma grande honra te entrevistar. Seu nome foi logo cotado quando compartilhei minha pesquisa sobre mulheres que estavam em Belém nesse ofício desde a primeira geração de mulheres da luz na cidade. Você poderia se apresentar e falar um pouco da sua iniciação na iluminação cênica?

Lúcia Chedieck - Obrigada pelo convite. É um prazer, um privilégio poder contar minha história para vocês. Eu sou de Belém e comecei a fazer teatro em 1986, quando fui cenógrafa do "Grupo Experiência", em Belém do Pará, e do "Grupo Pé na Estrada", formado por uma geração nova de teatro bem bacana. Comecei como cenógrafa, em parceria com Nando Lima. Então me dediquei a estudar teatro enquanto cursava Turismo na Universidade Federal do Pará. Em paralelo ao curso, eu trabalhava com instalações e cenografia.

Foi por curiosidade que iniciei meu processo de criação, eu queria entender um pouco da luz incidente na cenografia e sempre fui muito "cdf". Em determinado dia, eu conversei com um iluminador, que não me proporcionou um diálogo ou *feedback* para as minhas questões. Eu fiquei muito sem chão e, então, comecei a estudar. Além da cenografia, passei a estudar iluminação. Eu viajava para festivais, festivais do Teatro Mambembe, Festival de Ponta Grossa, Festival de Campina Grande, e sempre tinha cursos e oficinas paralelas aos festivais, como até hoje acontece em alguns lugares. Alimentei a curiosidade de aprender iluminação, que é mais técnica, muito mais ótica, uma ciência exata. E sempre pensava a luz e a cenografia como uma coisa única. De repente, eu me apaixonei pela iluminação. Dediquei-me a estudar, mas sempre com essa consciência de que as duas coisas são casadas. Assim, em Belém, eu comecei a fazer iluminação. Na época, era um universo masculino, não tinha nenhuma mulher na luz, porque existia essa ideia de que tinha que ter força na mão, carregar um refletor, puxar um cabo. Isso nunca foi problema para mim. Desde quando eu comecei a estudar luz, aprendi muita técnica, mas paralelamente fui aprendendo muito sobre a linguagem da luz. Foi uma curiosidade nata. A



cenografia me deu muito respaldo para entender a luz. Na época, não tinha mulher, então eu comecei a me dedicar mais, e me tornei iluminadora. Também não existia um curso de formação, uma Universidade de Artes Cênicas: eu tinha que ir atrás do conhecimento. Fiz uma oficina no Rio de Janeiro, onde tinha o centro técnico. Conheci o iluminador da Fernanda Montenegro em Belém, que na época era o Aurélio Di Simoni. Em Campina Grande, conheci o Gill Camargo, que hoje é um grande pesquisador em linguagem cênica e fui estudando profundamente a luz. Não fiquei só na técnica. Até comentei com a Cibele Forjaz que nós aprendemos iluminação na raça. Com essa dedicação profunda, alguns cantores de Belém passaram a me chamar para trabalhar. Eu sofria sim esse preconceito social do universo masculino, porém eu nunca alimentei, apenas olhei para frente. Porque se hoje ainda existe e vocês sofrem, imagina na minha época? E eu era uma menina classe média, de uma família que tem um nome, embora tivesse alguns obstáculos dentro do meu universo familiar por conta de escolher fazer teatro. Mas, enfim, eu me aprofundei e fui fazendo muitos trabalhos em Belém. Depois de um tempo, me tornei a técnica do *Theatro da Paz*. Eu fui cotada para trabalhar lá como coordenadora do teatro, e depois no teatro Margarida Schiwazzappa. Isso foi me dando uma formação, pois recebia muitos balés, muitas montagens da Bahia, do Rio de Janeiro, e isso me dava a possibilidade de fazer contato com pessoas de fora também. Mas chegou um momento em que senti a necessidade de uma formação maior, que desse respaldo à minha paixão e à profissão como iluminadora. Se eu fiz 2 trabalhos de cenografia aqui em São Paulo, foi muito! Então me dediquei profundamente à iluminação. Em 1989, eu vim para São Paulo com objetivo de estudar iluminação e começar do zero se fosse possível, porque em São Paulo você é apenas mais um. Quando cheguei aqui, frequentei cursos, estudei e fiz Artes Plásticas, pois assim eu teria uma maior bagagem de conhecimento como uma artista da luz. Entender a história da arte também é de grande importância para quem faz iluminação. É um repertório maravilhoso.

Camila Tiago e Natasha K. Leite - Além de Artes Plásticas, você fez outros cursos importantes para sua formação e sua carreira profissional?

Lúcia Chedieck - Sim. Eu ganhei uma bolsa do Rotary Club para o Canadá e pesquisei com os grupos locais do Quebec. O meu objetivo era mostrar o meu trabalho como iluminadora mulher e conhecer as pessoas de lá também. A aceitação lá foi imediata: eu conheci todos os



grupos de teatro, fui convidada para o festival de performance Internacional e trabalhei com 3 artistas como *light designer*. Foi um trabalho de doação, de troca cultural. Além disso, eu dei palestras, no curso de português da universidade, sobre como é ser uma mulher iluminadora no Brasil. Em outro momento, fiz uma residência em Moscou, com o Vassiliev, um pedagogo do teatro e grande diretor. A diretora Maria Thaís trabalha em pesquisa com ele e ele nos convidou para fazer uma residência, acompanhando todo o processo dentro do grupo de teatro dele.

Enfim, eu também tenho uma especialização em Light Design e dou aula na Belas Artes. Eu gosto de dar aula e até hoje estudo no dia a dia, o tempo todo. E eu dou uma dica para nova geração, não só de mulheres, mas todos, sem gênero: precisamos estudar constantemente, porque a luz não para, ela é transitória o tempo todo. Eu fui de uma mesa analógica para uma mesa computadorizada, tem a lâmpada, um LED, o sódio e o mercúrio, sobre o qual já nem se fala mais. Então, nós, iluminadores, temos de estar sempre atualizando nosso conhecimento. Eu me considero uma iluminadora antropóloga, estudo muito a luz. Sou uma pesquisadora: eu estudo tudo o que se trata de uma origem, de um conceito de iluminação, quero estar ciente até de um fio diferente que eu vejo. Hoje estou na arquitetura porque também tive uma curiosidade de sair um pouco da iluminação cênica para conhecer a luminotecnica em projetos de arquitetura. Eu estudo isto: a diferença de um cabo, ou uma lâmpada para arquitetura, uma lâmpada *outdoor* e *indoor*, etc. Na arquitetura você trabalha com outros ícones, se trabalha com uma lente diferenciada, com vidro temperado, e hoje faço projetos arquiteturais muito mais do que teatro. Precisamos de um leque de conhecimento, isso para a gente é fundamental em momentos de crise. Nessa fase pandêmica, eu continuei trabalhando com arquitetura, pois o teatro deu uma parada. Então não sei se é um olhar visionário, mas acho que o arquiteto tem que saber um pouco de estrutural, um pouco de iluminação, ter um conhecimento maior. E estou aqui, há 30 anos em São Paulo e no mundo. Eu acho que nós, mulheres, temos que realmente focar. A gente sabe que tem essa dificuldade de gênero; tem uma diferença monetária e a resistência masculina dentro do universo técnico, desde a década de 80 até hoje. Porém, achei um jeito analítico, uma espécie de psicologia feminina que eu soube lidar com isso, não baixando a cabeça, mas tentando fazer com que eles entendessem que isso não era problema para mim.



Lúcia, hoje você está trabalhando como iluminadora arquitetural e professora de iluminação em quais áreas? Você trabalha também como iluminadora cênica?

Eu trabalho como iluminadora cênica e na arquitetura. Faço projeto de iluminação cênica, que é as varas de luz, a caixa. No Instituto Moreira Salles, da Paulista, fui eu quem fez o projeto de iluminação cênica da sala Cineteatro. Eu trabalho também com a estrutura, faço projeto de iluminação cênica: varas de luz, mesa de luz, cálculos. Dou aula na escola de Belas Artes, na pós-graduação de Figurino e Cenografia como professora convidada, ensino Cenografia para eventos e dou palestras e oficinas. Faço projetos de fachada, como o da Igreja de Nossa Senhora de Nazaré, que fiz em 2005, e projetos de interiores também. Faço projetos em galerias de arte, com instalação de varas e de projetores dentro de galerias ou museus.



Farol do Norte: o talento de Lúcia Chedieck e seu pioneirismo feminino em iluminação, de Belém-PA para o mundo
Entrevista com Lúcia Chedieck concedida a Camila Barbosa Tiago e Natasha Kerolen Leite da Silva

Figura 2: Iluminação Monumental Basílica de Nossa Senhora de Nazaré – Belém -PA



Fonte: acervo pessoal Lúcia Chedieck

Qual espetáculo você criou e assinou ou reconheceu a sua criação inteira pela primeira vez? Foi um espetáculo de teatro, de dança? Quando e onde isso aconteceu?



Foi muito engraçado isso, porque já saí de Belém criando, assinando vários trabalhos. Quando vim para São Paulo, estudei muito e fui selecionada para um projeto chamado "O Averso da Cena", com a coordenação do Roberto Lage. Eram vários coordenadores que selecionavam, e uma fila de concorrentes. Tinham três vagas para cenografia, três para iluminação e três para produção. A partir desse projeto iria se montar um espetáculo chamado *Peer gynt*. Eram trinta atrizes e atores no elenco. Cenografia eram quatro pessoas, iluminação quatro, produção quatro, sonoplastia quatro. Teve uma seleção muito concorrida, com entrevistas, e eu fui uma das que passou para iluminação. Assim, eu conheci várias pessoas novas. Lembro que o Dan Stulbach e o filho do Sérgio Mamberti estavam, e várias pessoas que hoje são grandes profissionais. Eu conheci várias pessoas nesse centro cultural e que viram meu trabalho posterior a esse projeto e me convidaram para fazer luz. E eu dizia que ainda não queria fazer, porque sou uma pessoa que precisa ter a confiança em si mesma. Então eu pensava que em São Paulo, só iria assinar quando eu achasse que eu deveria assinar! Aí veio um diretor para mim e falou: "Aquele figura adorou seu trabalho e talvez ela queira trabalhar contigo". Mas eu falei para o Roberto Lage que ainda não queria assinar. Ele falou: "como você não quer assinar?" Eu disse que ainda precisava me aceitar e ter certeza de que eu estava completa para poder assinar um espetáculo. Ele falou: "menina, tu queres aprender mais do que tu sabes?! Te joga logo, eu vou te jogar na arena com os leões". E aí eu falei: "não, eu quero primeiro realmente me reconhecer". E a partir daí teve um espetáculo que decidi assinar. Primeiro teve o da Lala e da Edith que eu fiz com um fotógrafo de cinema. Nós dividimos a criação e foi uma experiência maravilhosa. O outro que assinei sozinha foi um espetáculo infantil chamado *Enq, o Gnomo* e foi o primeiro prêmio que eu ganhei em São Paulo. A partir daí, eu decidi parar de me autossabotar, porque eu sou muito exigente comigo, mas hoje estou mais tranquila. A insegurança fosse talvez porque eu respeitava muito os profissionais daqui e pensava que eu tivesse que fazer um trabalho, eu queria fazer o melhor trabalho, o primeiro melhor trabalho da minha vida aqui nessa cidade. Eu acho que funcionou. O prêmio para mim não é tudo, mas o resultado de um trabalho visceral, ao qual você se entregou inteira. Não faço trabalhos pensando em prêmio, eu faço trabalhos pensando no trabalho.



Figura 3: espetáculo *Tauromaquia*, direção de Maria Tháís, desenho de luz de Lúcia Chedieck, São Paulo, 2005



Fonte: acervo pessoal Lúcia Chedieck

Lúcia, você falou que lá em Belém você se apaixonou pela luz e começou a estudar. Quais foram os cursos que você encontrou? Foram cursos de pequena duração, oficinas de curta e média duração, até chegar na graduação e na especialização? Nesse percurso, como foi seu processo de formação? Você conseguiu acessar materiais de leitura?

Naquela época não tinha o Google. Eu ia muito ao Rio de Janeiro, então eu comprava tudo que era livro lançado pela Funarte e pelo Centro Técnico de lá, tudo que tinha informações de material. A tese do Hamilton Saraiva foi base para mim, para minha formação e para eu formular minhas oficinas. Eu tenho essa tese impressa até hoje comigo.



Eu tenho uma pesquisa em termos de Poética da luz que está ligada ao cinema, a minha iluminação é muito cinematográfica. Eu já fui assistente de fotografia em cinema. Eu desenvolvi várias atividades que me lavavam ao conceito da luz não somente no teatro. Quando eu penso uma luz cênica, o cinema é uma grande influência para mim. Além do cinema, minha inspiração está muito no meu dia a dia, aonde eu vou, qualquer coisa que me leve a um território de pesquisa, isso eu chamo de garimpar ideias. Quando eu fui à Rússia, encontrei um caminho de entendimento sobre a luz natural de lá. Lá eu fiz um trabalho, que serviu de material para um espetáculo posterior que eu fiz sobre a Rússia. E eu gosto muito de estar in loco. Por isso que eu falo que sou uma antropóloga. Eu gosto de ir ao lugar, não me mande um mapa para eu entender. Eu vou lá, eu quero ver o espaço, eu preciso pisar, cheirar, olhar, esse é o jeito do meu trabalho.

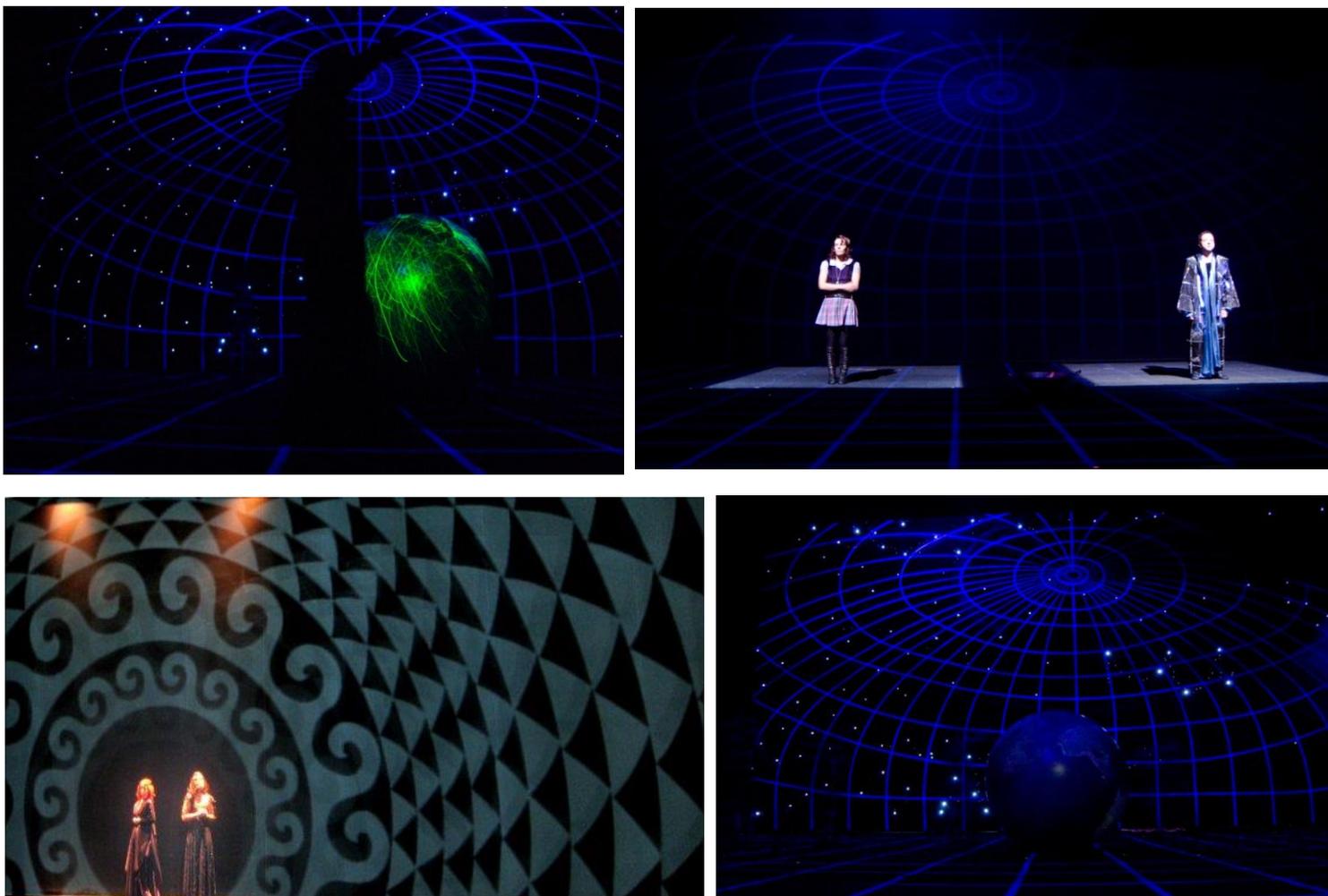
Você pode dizer que você já experimentou todos os campos de atuação da luz?

Não, acho que tem mais. O mundo é grande e a iluminação está em qualquer lugar. E eu vou descobrindo a luz. Para mim é um mundo, a luz é o meu cotidiano. Se você for ver, tudo na vida tem luz. Então tudo serve de material. Em Coraci, em Moscou, em Ubatuba, em qualquer lugar tem coisas novas, até material, coisas de gambiarra, que me encantam. Por exemplo, encontrei um cara em Santos, que com uma lâmpada incandescente, um fio, algo que interrompia esse positivo e o negativo e ele ligava na tomada e acendia uma luz pulsante. Eu fiquei curiosa para saber o era aquilo, o porque aquela luz estava pulsando. Aí ele ensinou que pegava uma lâmpada incandescente, um start de lâmpada fluorescente de antigamente, interrompia o fio em uma fase, ligava na tomada e a luz ficava piscando, como se fosse uma strobo, no bar dele. Então eu comecei a usar isso, gosto das ideias dessas figuras e tenho um milhão de história dessas para te contar. Quando fui ao Piauí montar um espetáculo, o Carlos Beque fez uma perna preta que a gente usa no teatro caixa preta, que normalmente são pernas de veludo preto com as bambolinas. Eu achei aquele veludo lindo, brilhante, jogando luz. Ele me disse que aquilo era cabelo. Ele não tinha dinheiro, então ele comprava um morim branco, cortava do tamanho da perna, passava cola e usava cabelos, pois os barbeiros guardavam todos os cabelos para ele. Ele cortava os cabelos miudinho, picotava caixas de cabelo, colocava o tecido branco, passava cola e pegava um ventilador que ia espalhando e os cabelos caíam e colavam e



virava uma perna. Essas coisas me encantam. E o teatro é isso. Como artista, não só como iluminadora, eu estou sempre atenta a tudo.

Figura 4: espetáculo *Espiral do tempo*, direção de Johana Albuquerque, desenho de luz de Lúcia Chedieck, São Paulo, 2009



Fonte: acervo pessoal Lúcia Chadieck

Lúcia, vou te chamar de artista da luz. Em todas as suas proposições artísticas na área de iluminação, como a cenografia influenciou?

Desde menina, eu sou uma pessoa que gosta de construir as coisas. Então a cenografia, quando nós começamos, eu estava falando com o Nando - que foi o grande parceiro e grande mentor também na minha vida, além de um grande artista - quando nós pensamos na cenografia, nós construímos a cenografia. Não construímos o que não podíamos construir, era uma norma entre nós. Então, nós chegamos a construir um tubo tipo de indústria que iria fazer a parte de



um espetáculo chamado "A Terra é azul", do dramaturgo paulista Zeno Wilde, que era só uma lona no chão e o tubo imenso no palco e nós mesmos construímos aquilo. A gente só não construiu o ferro, que dobrava, porque teria que ir ao ferreiro. Eu pensava na construção daquilo, o que dava um grande prazer de construir e quando eu tenho essa possibilidade, eu faço, porque eu tenho essa coisa de artista mesmo, de palpar, como se esculpir uma pedra. Também tenho a necessidade do pensar e do construir por isso que eu estou nas artes plásticas, porque eu sou do escultural, de "meter a mão", de construir, de dobrar, de pintar, de cheirar. E eu sempre construo as coisas pensando na luz e vice-versa. Ao conhecer a luz, eu já fui deixando um pouco a cenografia, já fiz as 2 coisas, mas era muito cansativo. Aqui, em uns balés, eu fazia luzes e cenário em parceria com artistas, porque não dava mais para fazer só. E aí eu passei a me concentrar na iluminação. E hoje a iluminação hoje já substitui muito a cenografia. Não que ela tome o lugar, mas tem situações em que a luz cria espaço.

Lúcia, como é o seu processo de criação? Você é dessas pessoas que primeiro vai para o papel, faz pesquisa imagética? Existe uma metodologia? Ou metodologias diferentes para iluminação de arquitetura e de artes cênicas?

Com certeza sim, tem diferença. Eu chamo de documentação, pois são documentos diferentes. A arquitetura é muito mais exata, então não tem mudança. O teatro já é mais aberto, pode haver mudança depois do desenho do projeto. Em projetos arquiteturais, quando eu coloco a planta no papel que vai para arquitetos estruturais, engenharia, engenharia elétrica, para um grupo de pessoas que tem suas fases no projeto, então não posso demorar muito. Eu trabalho com o engenheiro elétrico e quando eu penso na luz, eu tenho que dar para ele o cálculo de potência. Por exemplo, quando penso em fazer uma luz aqui, eu quero que tenha 2 pontos ali, 3 pontos aqui... Então a light designer pensa no bulbo, nos pontos no bulbo da lâmpada e até luminária, mas quem vai fazer toda a parte de elétrica, é o engenheiro que ele trabalha comigo. Então não posso comentar, fura ali ou não. Não é como aquele refletor que muda de posição mais facilmente no teatro. Tem a metodologia diferenciada sim.

Você faz shows também?

Faço, mas hoje não faço muito não. Em Belém já fiz muito, já fiz alguns aqui, mas não pego



muito, porque o show te pede para seguir e eu não gosto muito desse pique. Eu gosto muito da linguagem, do *tableau vivant* do teatro. Eu faço shows sim, mas quem segue é o operador que eu formei. Como no teatro também. Hoje eu crio e desenho a luz, eu vou até a estreia, eu formo o operador e depois eu não opero mais.

E a sua forma de operação com essa digitalização da luz, você consegue operar com as cenas já gravadas ou você deixa algo solto?

É super flexível. Quando eu vou para fora do país, eu opero. Eu adoro operar minha luz, mas eu não posso ficar muito presa, porque eu tenho muitos outros trabalhos. Então quando eu faço um contrato de criação hoje, já assino que eu não vou acompanhar a temporada. Eu monto, eu dirijo a operação já com técnico. Quando eu opero, eu gosto muito de uma coisa solta, porque eu acho que é um piano. Quem faz uma operação é um pianista e eu gosto dessa coisa solta, de fazer uma cena na minha mão. Há pouco tempo fiz a luz de uma bailarina, a Tatiana Guimarães e eu operei, porque essa luz eu fiz para que ela mesmo operasse. Ela dirige a luz para ela e tem algumas cenas que eu faço na mesa. Essa luz eu adoro e não dou para ninguém. Eu adoro operar minha luz, mas eu não posso fazer tanto porque a demanda é bem alta.

E você tem equipe? Na iluminação cênica, existia uma tradição, que está mudando bastante, de mestre e aprendiz. Você teve algum(a) mestre(a)? E quem são as pessoas que aprenderam com você?

As duas coisas. Eu tive mestres que até hoje estão vivos comigo: palavras, frases, estruturas de criação. O Aurélio de Simoni foi um deles. O Gill Camargo como pesquisador, que me abriu um campo sobre entender a luz como uma linguagem semântica. O Iacov Hillel, que acabou de falecer, era um diretor de ópera e um grande iluminador, com um trabalho impressionante sobre cor. O Hamilton Saraiva também é um grande mestre, com o qual nunca trabalhei, mas ele me deu a tese dele, mandou tirar uma cópia para estudar. O Giancarlo que era dono de uma empresa que vendia e locava refletores. Ele foi iluminador do Ziembinski e me falava muito de como ele chegou a operar mesa de manivela, e depois começou a vender material de luz. Ele se tornou um comerciante, um empresário, vendia gelatina. Ele é uma pessoa maravilhosa. Ele me contava muitas histórias da época do Ziembinski e do Santa Rosa, que era um cenógrafo. Assim eu fui



conhecendo várias pessoas, como o Nezito, que sabe muito de história de teatro, dos iluminadores de São Paulo. O Edivaldo Rodrigues, que foi com quem eu comecei a trabalhar quando eu cheguei em São Paulo, com quem eu estudei a iluminação como linguagem literária. Os diretores também, que têm um olhar de iluminador, como Cacá de Carvalho. Trabalhar com ele é fantástico. Cibele Forjaz, maravilhosa de trabalhar. Élcio Nogueira, maravilhoso de trabalhar. Há diretores com quem eu adoro, porque eles têm essa visão e essa sensibilidade com a luz. Trabalhei também há pouco tempo com o André Heller, que é diretor cênico de ópera, que é uma pessoa fantástica. Quando eu encontro essas pessoas, eu não quero mais sair de perto porque é uma troca muito boa, um diálogo muito bacana. Eu gosto das pessoas estando do meu lado e opinando, de uma forma diferenciada e que soma. Assistente que fala uma coisa, o diretor que fala outra, a gente troca ideia sobre um assunto.

Lúcia, qual é um projeto especial para você, que você lembra com o maior carinho?

São vários. Não existe apenas um. O *Západ*, que eu fiz com a Maria Thaís, é importante, porque o eu uso como modelo de como garimpar ideias, de como é meu processo criador. Então, um rascunho que eu faço quando estou tomando uma cervejinha, aquele risco já vai fazer parte do primeiro pensamento e eu coloco no papel. Eu vejo muito filme quando tem referências. Por exemplo, na época desse trabalho, eu vi muito Serguei Eisenstein. Os filmes como *A greve*, *Outubro*, *Ivan, o terrível* têm um caminho muito bacana, o que formam repertório para minha criação. *Tauromaquia*, também que eu fiz com o Balagan. Eu fiz trabalhos em Belém do Pará, com Cacá, nós fizemos *Hamlet* numa linguagem bem regional, mas são vários, porque eu amo todo o trabalho que eu faço. Eu te juro, eu sou apaixonada. Existem alguns difíceis, mas eu sou muito inteira. Cada um é um filho e eu tenho mais de 40 filhos e amo todos. Um dia vou querer escrever sobre isso, sabe? Esse processo de cada um, falar de cada trabalho e de suas diferenças. Sabe filhos que têm personalidades diferentes, mas que cada um é especial? É assim.



Farol do Norte: o talento de Lúcia Chedieck e seu pioneirismo feminino em iluminação, de Belém-PA para o mundo
Entrevista com Lúcia Chedieck concedida a Camila Barbosa Tiago e Natasha Kerolen Leite da Silva

Figura 4: espetáculo *Vêi Vai...O caminho dos mortos*, direção de Cibele Forjaz, desenho de luz de Lúcia Chedieck, São Paulo, 2008



Fonte: acervo pessoal Lúcia Chedieck

Lúcia, queremos saber das suas dificuldades sendo mulher. Hoje, quais são as dificuldades que você encontra por ser mulher, mas também profissionalmente falando?



Acho que a gente precisa crescer espiritualmente. Sei que a sociedade nos coloca muita coisa. Chega um momento certos assuntos ficam *démodé*. Quando eu vejo um técnico que tem uma postura diferenciada, que tem dificuldade de lidar com uma mulher líder, eu converso. Se ele se incomodar eu digo para ele ir para casa e eu coloco outra pessoa que se sinta melhor. Eu corto porque eu acho que isso já é alimentar algo negativo. Ele precisa aprender, mas não sou eu que vou transformar ele. Acho que eu já transformei pessoas que ficaram duras comigo e, de repente, se tornaram grandes parceiros e amigos. A dificuldade existe realmente, mas eu não abro a porta para isso. A logística monetária tem dificuldades, por esse masculino ter ainda valor maior, isso é uma coisa pela qual eu luto muito, por um pagamento justo. E que a sociedade entenda o que é a nossa profissão. Eu luto muito pelo valor dos nossos serviços. É preciso que entendam os honorários de cada técnico. Quando eu vou fechar um contrato, eu esclareço que o assistente tem que ter todos os direitos dele, além do cache necessário. É importante valorizar a especialização dessa pessoa qualificada, valorizar os direitos de trabalho, de alimentação, direito de dormir. E a essa dificuldade de entendimento da nossa hierarquia dentro da nossa profissão, com direitos e deveres. Independente do gênero, é o mesmo valor.

Você identifica que existe alguma área em que essa diferenciação é mais forte do que em outra, ou não?

No teatro tem diferença. Infelizmente, não é uma crítica, nem deboche, mas quanto mais você fica qualificado, menos te procuram, porque você tem um valor. Quando começa a ter um valor a mais é por isso que muita gente sai do teatro, vai fazer eventos, shows. Aí você fica fazendo outras coisas, e chega uma hora em que você fica com tanta qualidade que seu valor de como artista sobe, é natural. Nesse momento, só te paga quem tem um grande patrocínio. Um exemplo: a Camila vai ter um filho, vai tendo um carro melhor, tem que ter plano de saúde etc., é natural: é valor de mercado. Não tem como a Camila, que é uma grande iluminadora, querer continuar como um iniciante. Tem diferença. E no teatro eu já ouvi que não iam me chamar porque eu estava muito cara. Por isso, grandes profissionais saíram do teatro e hoje estão fazendo eventos, como abertura de Copa do Mundo, Bienal. E me perguntaram, há 10, 15 anos atrás, se eu ainda estava fazendo teatro e se eu era Madre Teresa de Calcutá. Respondi que era a minha "cachaça", entendeu? Eu faço outras coisas a gente vai escolhendo, não é que eu seja



arrogante, é valor de mercado. Sim, e tem diferença.

Lúcia, você daria um conselho, um incentivo para essa nova geração de mulheres que estão trabalhando com luz, seja para show, arquitetura, dança? Enfim, que recado você deixaria para elas?

Não desistir. Sejam felizes, pois a profissão de iluminação é apaixonante. Eu sou encantada, casada com a minha profissão. Então não desistam por pequenas coisas, por qualquer dificuldade, seja econômica ou social. Não desistam, estudem com “tesão” e com o maior prazer, não deixem de se formar. A conquista da gente se faz no cotidiano. Acredito na força da formiguinha, como é até hoje. Façam com amor, sejam apaixonadas, vão em frente, façam o seu leque também. A iluminação está em vários campos hoje. Tem especialidade em vários lugares. É isso: sejam felizes amando também as suas profissões, porque é uma profissão de sonhos. Não olhem para os obstáculos, pelo contrário, obstáculos se superam. Só ter paciência e seguir em frente, um dia nós vamos chegar lá.

Uma última pergunta de curiosidade, você usa algum programa para fazer projetos de iluminação?

Eu trabalho muito com uma equipe. Eu uso o AutoCad, até para fazer teatro. O LXFfree eu uso para ensinar, quando as pessoas estão iniciando. Tem o Dialux para arquitetura, que é muito bacana, dá para fazer cálculos. Então eu desenho, faço até no LXFfree, faço rápido o cálculo e fica pronto. Mas normalmente meu assistente que faz. Por exemplo, o da ópera, nós fizemos com AutoCad. Eu pego a planta baixa do teatro, de vara numerada, vamos colocando os refletores, porque já temos uma biblioteca montada. Já para a arquitetura é mais específico, porque tem tipo de spot, de arandela, pendente, externo, interno, IP, 64. Mas o importante é a ideia. A ideia você passa para o técnico. A gente precisa, em nossa área, ter profissionais especializados, como programador de mesa, assistente, técnico de computadores. Precisamos dessa organização da equipe no nosso trabalho como light designer. Como acontece na arquitetura: quem faz o quadro, o QDGI, que é o quadro de distribuição de iluminação cênica, é o eletricitista especializado. Quem monta a vara e faz as ligações da tomada é um eletricitista especializado em cênicas. Então a arquitetura tem uma coisa muito mais especificada. O teatro já deveria ter isso, o que está



Farol do Norte: o talento de Lúcia Chedieck e seu pioneirismo feminino em iluminação, de Belém-PA para o mundo
Entrevista com Lúcia Chedieck concedida a Camila Barbosa Tiago e Natasha Kerolen Leite da Silva

começando agora. Como iluminadora, se faz muito trabalho para ganhar um cachê: coordenação de montagem; programação de mesa; afinação de luz; etc. Na Europa, por exemplo, é diferente: tem um técnico só para ligar dimmer; outro só para montar os projetores; outro que só afina e outro que programa a mesa. Quando eu cheguei lá, meu mapa de luz já estava pronto. Eu só mudei de lugar dois refletores. Na verdade, eu afinei, gravei e ensaiei o espetáculo em três horas

Lúcia, muito obrigada! Pessoas como você nos inspiram muito, saiba que você existir dá um "gás" para a nossa existência enquanto profissionais da luz. Muito lindo te ouvir falar porque você tem uma paixão (pela luz) que transborda e nos contagia. Obrigada por conversar com a gente!

Agradeço e se der para voltar a Uberlândia será o maior prazer.

Recebido em: 15/10/2021

Aprovado em: 30/12/2021

Universidade do Estado de Santa Catarina - UDESC
Programa de Pós-graduação em Teatro – PPGT
Centro de Arte – CEART
A Luz em Cena – Revista de Pedagogias e Poéticas Cenográficas
aluzemcena.ceart@udesc.br